

AS SETE FACES DE JECE VALADÃO

Michel do Espírito Santo

TODO um andar (o último) de um edifício na Avenida Princesa Isabel n.º 150, em Copacabana: escritório, salas de montagem, de gravação sonora, de revelação de 'stills' fotográficos, enfim, setores de publicidade e de contabilidade, tudo bem organizado como manda o figurino de uma empresa industrial. Assim está montada a Magnus Filmes de Jece Valadão.

Fêz fama como homem mau, mas é um rapaz simpático, atencioso, bom interlocutor. Tem uma opinião precisa das coisas e (principalmente) do que quer e do que faz na vida. Ator, diretor, produtor. Foi ator de teatro, mas desde o seu sucesso ou sua aceitação pelos fãs de cinema, só de cinema. Duas dúzias de filmes como ator, seis como diretor, treze como produtor. Em volta dele uma equipe. Um grupo de rapazes e de moças que o escuta, que o respeita, que o admira. E que colabora com ele. Confiadamente. Sem exageros de qualquer ordem. Com precisão. Um homem de empresa, com 38 anos de idade — parecendo ter menos.

Até o terceiro trimestre de 1968 este jovem e esta empresa produziram 3 filmes. Um número formidável para os termos cinematográficos brasileiros. Dois deles já lançados, outro em final de realização. Um quarto em cores e um quinto em preto e branco, estão sendo preparados para o final do ano. Assim trabalha Jece Valadão.

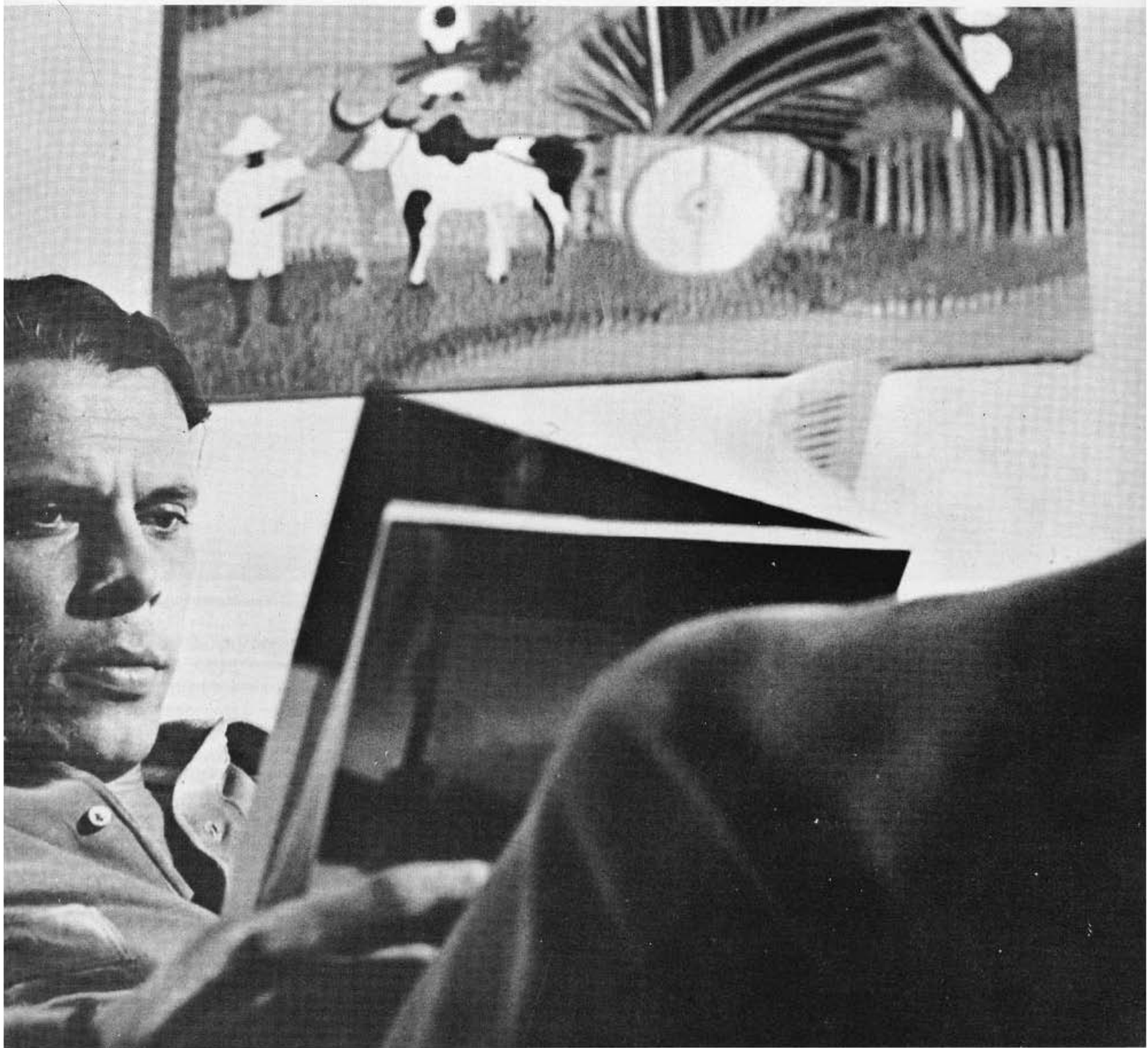
Diz-se autofinanciável. Não gostava da Resolução n.º 1 que regulava o dinheiro da remessa de lucros das distribuidoras estrangeiras. Gosta da 22. É capaz de experimentar uma produção associada regulada por esta Resolução do INC.



Nas paredes dos diversos departamentos da Magnus Filmes, cartazes em alemão, em inglês, em francês, de filmes de Jece Valadão lançados no estrangeiro. Talvez seja o cineasta brasileiro que tenha mais filmes lançados no exterior. Diz que já ganhou, e ganha, bastante razoavelmente, com seus filmes no exterior. Considera o mercado externo muito importante para a concretização de nossa indústria. Acha formidável o plano de Promoção Externa do Cinema Brasileiro, que está sendo executado pelo INC. Gostou muito do catálogo "Brasil Cinema 1968", referente ao 1.º semestre de 1968, onde tem um filme seu. Espera que no catálogo referente ao 2.º semestre contribua com 4 filmes.

A PALAVRA DE JECE

Jece Valadão abriu caminho no cinema nacional com as próprias mãos. É do tipo determinado, sabe o que



quer e como quer. Cabe perfeitamente dentro da classificação de "self made man". Extremamente afável, com um "à vontade" que o caracteriza, como se em qualquer situação estivesse em casa. Jece Valadão, dispõe hoje de imensa popularidade e seus filmes crescem de bilheteria dia a dia. Numã variante de homem mau, é, como personalidade cinematográfica, o "cafajeste" mais simpático do mundo.

Sua ascensão se fez progressivamente de ator a produtor, com escalas pelas mais diversas posições na área cinematográfica, tais como argumentista, roteirista, diretor, sendo hoje um homem cem por cento realizado em suas ambições profissionais.

Descoberto por si mesmo, vocação e instinto, Jece Valadão inaugurou sua carreira no cinema fazendo "pontas" nos filmes da Atlântida. Em um filme de José Carlos Burle, *Também Somos Irmãos*, estreou em 1949. Es-

tava longe do tipo que o iria firmar. Trabalhou ainda em filmes de Carlos Manga, Paulo Vanderley, Jorge Ilile (*Amei um Bicheiro* e *Mulheres & Milhões*), Nélson Pereira dos Santos (*Rio, 40 Graus* e *Rio Zona Norte*), daí por diante definindo sua posição de "vilão cínico e irresistível", de "bandido" de coração de ouro, capaz de bater numa mulher e arriscar a vida para salvar uma criança. Nesta altura, começa também a produzir: *Os Cafajestes*, de Ruy Guerra, onde definiu e fixou o tipo que iria caracterizá-lo na telas — um cafajeste nos mais diversos planos sociais, do marginal ao endinheirado.

Desde então vai experimentando novas posições, acrescentando em *Bonitinha, mas Ordinária*, a de roteirista, para em *Procura-se uma Rosa*, onde não foi ator, ser além de roteirista, também diretor, produtor, alternando tôdas estas funções, fundando sua própria companhia produtora.



Valadão/ator em "Rio, 40 Graus", de Nelson Pereira dos Santos.

Valadão/diretor e ator (com Adriana

Hoje faz o filme que quer é com quem quer, tendo como constante o lançamento de novos galãs e novas estrêlas em seus filmes, que sempre estão transitados por gente nova, o que reflete seu preceito de oferecer oportunidades para os estreantes.

Jece Valadão que já participou de cêrca de trinta filmes, hoje com sua produtora independente, pode se dar ao luxo de produzir, dirigir, escrever o argumento ou fazer o "script" sem participar como ator como nas suas novas produções. Em *Os Viciados*, uma história em três episódios, aparece apenas em um; *A Noite do Meu Bem*, entra como argumentista, roteirista e diretor; e em *Eu sou um Matador Profissional* volta como ator em história de parceria com Braz Chediak que também vai dirigir.

Jece Valadão tem vendido com regularidade suas produções para outros países, concorrendo permanentemente em outros mercados com o melhor dos resultados. Na qualidade de produtor independente formou sua equipe técnica, com ela operando sem solução de continuidade, saindo de um filme para outro.

No escritório de sua produtora, entre cartazes em alemão, inglês, e outras línguas, Valadão nos diz: "Resolvi produzir meus próprios filmes desde que descobri que não poderia fazer o que queria na tela, nem ter o padrão de vida que gosto de ter, apenas como ator. Deu certo. Descobri em mim o senso comercial. Gostei e mesmo depois que deixar de ser ator (o que poderá acontecer a qualquer momento) continuarei produzindo. Por índole sou muito mais homem de indústria do que ator".

"Eu continuo como ator porque sou um "capital" da minha indústria. Defendo hoje a bilheteria. Tenho um público. Mas na verdade quando dirijo vou sempre deixando as minhas cenas para filmar no final. Hoje em dia, ir para à frente das câmeras (o que para mim já constitui um grande prazer e uma alegria indivizível) é um sacrifício. Porque, hão de convir, tôdas as minhas vaidades de ator já foram satisfeitas. A maior prova dis-

so é que lanço gente nova, um galã ou uma estrêla, na esperança de fazer novos "cartazes" para a minha produtora e me libertar o mais possível dêste terrível ofício, que é ser ator de cinema".

Respondendo à nossa curiosidade sôbre o que o levou à direção de seus próprios filmes, diz Jece Valadão, positivo: "A direção é uma consequência lógica e natural nas pessoas que têm alguma coisa a dizer. Depois que me satisfiz como ator, passei por direito a dirigir como numa busca de expressão. A minha primeira direção foi em *Procura-se uma Rosa* em que não tomava parte como ator. Eram protagonistas Leonardo Vilar, Teresa Rachel e Gracinda Freire, e foi também o meu segundo roteiro sôbre uma peça de Pedro Bloch".

"Quando afirmo ter algo a dizer, esclareço, para evitar malentendidos, do que se trata: como minhas fitas são geralmente combatidas por um pequeno grupo de críticos, poderiam achar que elas não dizem nada. Do que eu discordo inteiramente, tomando como beneplácito a preferência do público, do grande público que está ao meu lado. Todos os meus filmes, sem exceção, foram sucesso de bilheteria. E se foram sucesso é porque tinham alguma coisa que tocou ao público. Conseqüentemente eu tinha alguma coisa a dizer".

"Se o público tem prestigiado os meus filmes eu tenho certeza absoluta que tenho colaborado para a indústria cinematográfica brasileira, cujo maior problema é a conquista do seu próprio público. Não se pode fazer uma indústria sem a conquista de um público, e não se pode conquistar outro mercado — o estrangeiro — sem conquistar primeiro o seu próprio mercado. Eu, como outros poucos produtores, estou trabalhando nesta e para esta conquista".

"A validade dêste princípio é vital para nossa sobrevivência — conquista e definição do público nacional. O interessante dêste ponto de vista, é que alguns produtores dizem fazer filmes não para o Brasil, mas para o Exterior — o que não entendo, pois o público é igual em



Prieto — “As Sete Faces de um Cafajeste”.



Valadão/ator em “Os Viciados”, de Braz Chediak.

tôda a parte do mundo. Estes produtores têm a maior dificuldade em vender seus filmes no mercado estrangeiro. Esta dificuldade eu não encontro. Tôdas as minhas fitas são exportadas, vendidas”.

“Uma curiosidade: eu sou o único produtor brasileiro que conseguiu exibir uma fita em Nova York, em plena Broadway, que é a região mais fechada da cinematografia mundial. É o lugar mais difícil de entrar. Quando digo que o público é igual em tôda a parte do mundo, é porque tive oportunidade de comprovar isso. O público ‘reagia’ na Broadway com *Bonitinha, mas Ordinária*, nos mesmos momentos em que ‘reagiram’ os espectadores no Rio ou em Fortaleza”.

“Eu consigo produzir sem nenhum problema de continuidade. Tenho uma equipe. Nós nos compreendemos perfeitamente e trabalhamos para um só objetivo. Esse clã, o primeiro do cinema brasileiro, aceita desde a briga por uma causa, até fazer filmes e é formada por seis homens: Gilberto Lima e Souza e Fernando Lopes, que fazem produção; Antonio Smith, fotografia; Sindoval Aguiar, Braz Chediak e eu, na parte de direção. A equipe básica, todos amigos, cada qual respeitando a função do outro. É uma equipe coesa, de pés firmes na realidade, e os demais contratados entram no espírito da equipe já formada. Só trabalho em bases industriais”.

Referindo-se ao Instituto Nacional do Cinema, é categórico ao afirmar ser “um órgão pelo qual sempre lutei, desde muitos anos”. Considera que o INC irá possibilitar a criação de uma infraestrutura para o cinema brasileiro, “sem a qual é impossível a sobrevivência de uma indústria cinematográfica em nosso país. “Eu disse que só iria ao Instituto no dia em que estivessem sendo cumpridas as suas finalidades iniciais. E vou lá, desde a criação do prêmio adicional de 10% sobre a renda de cada filme brasileiro — e não existe prêmio mais democrático do que este, que é dado pelo público. Estou lá para aplaudir a implantação do ingresso único, uma

fórmula de evitar a evasão de rendas. E estou pleiteando um financiamento para aquisição de equipamento cinematográfico. Tudo isto e mais os projetos em pauta, são para mim, para os meus negócios, para o cinema brasileiro, coisa muito importante”.

DADOS ESSENCIAIS DE JECE VALADÃO

Nasceu em Cachoeiro do Itapemirim, Espírito Santo, 1930. Casado com Dulce Rodrigues, que já atuou no teatro, irmã de Nelson Rodrigues. Tem dois filhos.

Ator em duas dezenas de filmes. Produtor de 13 filmes. Diretor de seis. Também argumentista e roteirista de alguns filmes, ator e autor de peças teatrais.

Sua filmografia inclui vários dos momentos mais significativos do cinema brasileiro dos últimos tempos: filmes de Jorge Ileri, Nelson Pereira dos Santos, Ruy Guerra. Produtor e principal intérprete de *Os Cafajestes*, de Guerra, peça importantíssima na renovação de valores do cinema brasileiro e um dos filmes sérios que conseguiram conquistar grande público. Acaba de participar, como ator, do filme que assinala o retorno de Anselmo Duarte à direção, *Quelê do Pajeú*, de uma história de Lima Barreto.

Jece Valadão já fazia cinema quando estreou no teatro, em 1957, na peça “A Mulher Sem Pecado”, de Nelson Rodrigues. Desde então, atuou nas seguintes peças: “O Fazedor de Chuvas”, de Richard Nash; “Viúva, Porém Honesta”, “Perdoa-me Por me Traíres”, e “Os Sete Gatinhos”, de Nelson Rodrigues; “Procura-se Uma Rosa”, de Pedro Bloch, Vinícius de Moraes e Gláucio Gil (na qual trabalhou nos três episódios); “Pedro Mico”, de Antônio Callado; “Os Inimigos não Mandam Flores”, de Pedro Bloch; “O Camisa Preta” e “A Lógica de Mr. Eco”, de Jece Valadão; “Playboy” e “Timbira”, de Luiz Iglesias; “A Invasão”, de Dias Gomes. Sua última interpretação no teatro: a peça “Soraya Posto 2”, de Pedro Bloch.

Filmografia de Jece Valadão

- 1949 — *Também Somos Irmãos*, de José Carlos Burle (sòmente ator)
- 1952 — *Três Vagabundos*, de José Carlos Burle (ator)
- 1952 — *Barnabé, tu és Meu*, de José Carlos Burle (ator)
- 1953 — *Amei um Bicheiro*, de Jorge Ileli e Paulo Vanderley (ator)
- 1955 — *Rio, 40 Gráus*, de Néelson Pereira dos Santos (ator)
- 1957 — *Garôtas e Samba*, de Carlos Manga (ator)
- 1957 — *Rio, Zona Norte*, de Néelson Pereira dos Santos (ator)
- 1958 — *A Mulher de Fogo/Lina, la Mujer del Fuego*, de Tito Davison, co-produção com o México (ator)
- 1960 — *Tudo Legal*, de Victor Lima (ator)
- 1961 — *Mulheres & Milhões*, de Jorge Ileli (ator)
- 1961 — *Favela/Favela*, de Armando Bo, co-produção com a Argentina (ator)
- 1962 — *Pedro e Paulo/Pedro y Pablo*, de Angel Acciaresi, co-produção com a Argentina (ator)
- 1962 — *Os Cafajestes*, de Ruy Guerra (ator e também produtor)
- 1962 — *Bôca de Ouro*, de Néelson Pereira dos Santos (ator)
- 1963 — *Bonitinha, mas Ordinária*, de J. P. de Carvalho (ator e, embora não assinasse, foi um dos diretores)
- 1964 — *Asfalto Selvagem*, de J. B. Tanko (ator)
- 1964 — *Procura-se uma Rosa* (sòmente como diretor, produtor e roteirista)
- 1965 — *História de um Crápula* (ator, também diretor, produtor e co-roteirista, com Victor Lima)
- 1966 — *Paraíba — Vida e Morte de um Bandido*, de Victor Lima (ator)
- 1966 — *Essa Gatinha é Minha* (apenas como diretor, produtor, roteirista e autor do argumento)
- 1967 — *Mineirinho, Vivo ou Morto*, de Aurélio Teixeira (ator, também co-produtor com Herbert Richers)
- 1967 — *Jerry — A Grande Parada*, de Carlos Alberto de Souza Barros (sòmente co-produtor, com Herbert Richers)
- 1967 — *A Lei do Cão* (ator, também diretor, roteirista, autor do argumento e co-produtor com Herbert Richers)
- 1968 — *As Sete Faces de um Cafajeste* (ator, também diretor, produtor e co-roteirista com Braz Chediak)
- 1968 — *Os Viciados*, de Braz Chediak (ator, produtor)
- 1968 — *A Noite do Meu Bem* (sòmente diretor e produtor)
- 1968 — *Eu Sou um Matador Profissional **, de Braz Chediak (ator e produtor)
- 1968 — *Os Raptos **, de Aurélio Teixeira (produtor).

* Em fase de produção.

Valadão/ator em "Bôca de ouro", de Néelson Pereira dos Santos.



